

Quando os vindouros lançarem olhos para a nossa época — e gratos lhe não-de ficar pela luta acesa travada entre as forças de regressão e as de progresso, de que estas saíram coroadas, abrindo-lhes o seu presente—enlevados ficam, de certo, na contemplação do vasto movimento literário brasileiro e das obras conseqüentes que dêle dimanaram.

Este estudo que a «Seara Nova» trouxe à publicidade nas suas colunas, e depois nos seus «Cadernos», vai ficar nessa vasta bibliografia, senão pelo seu todo, ao menos pela justeza de alguns conceitos, unidos numa prosa simples e fluente.

As considerações acerca dos livros nacionais, «livros que ignoravam completamente, como de propósito, os nossos problemas mais vitais; livros de quem via a vida através dos romances estrangeiros, e se mostrava incapaz de sentir e compreender a verdade quotidiana», são definições talvez já correntes, mas que não perdem por repetidas.

E o panorama do Norte, vi-

Dentre as modernas correntes de literatura, destacam-se as obras dos refugiados alemães, que constituem não somente este ou aquele caso isolado mas todo um conjunto de massa harmônica e coerente. Como verdadeira literatura de exílio, mais que nenhuma outra vivem em função dos problemas do nosso tempo naquilo que apresentam de mais angustioso, a demonstrar-nos que a vida mental alemã ultrapassa os limites das fronteiras ideológicas do III Reich.

«La Tentation»—roman d'une jeune allemande—desenvolve-se no ambiente agitado de convulsões da sociedade alemã, durante um período que termina com a ascensão do nacional-socialismo ao poder. As figuras que aí se movem são duma realidade evidente. O equilíbrio entre o desenrolar da acção e o recorte psicológico dos personagens é perfeito, o que dá à obra um carácter de sobriedade expressa na harmonização do subjectivo com o objectivo. Os aspectos subjectivos surgem, não como meras excavações psicológicas exclusivamente analíticas, mas em função do ambiente em que se integram, como seu reflexo, naquilo apenas em que contribuem para o esclarecimento do desenvolver da acção.

De vez em quando, Weiskopf concentra-se a descrever certos quadros (admirável o

O ROMANCE BRASILEIRO E JOSÉ LINS DO REGO, cadernos da "Seara Nova.,—Lisboa

vendo as suas secas e as suas fomes, enquanto «muita gente da cidade ainda acreditava na vida idílica dos campos, como se os caboclos analfabetos e opilados fossem pastores de virgílios», é bem um aplauso à integração do escritor no homem social, no homem humano, de que fala Romain Rolland, antítese desse outro escritor abstracto, a dedilhar lirismos para satisfação de anafados.

Chernishevsky ditava no século XIX o frontão para o templo dos escritores da nossa época: não é a sociedade que serve o artista, mas o artista que serve a sociedade; a Arte deve contribuir, portanto, para o desenvolvimento da consciência humana e para melhorar a ordem social.

Compreenderam-no, pelo domínio da realidade presente,

os romancistas do Brasil. Lia Correia Dutra, aplaudindo-os, nobilita-se.

Mas é de lamentar, entretanto, que o faça, apaixonando-se.

O seu estudo faz crer que o romance brasileiro é José Lins do Rego—ele é só ele.

Fá-lo precursor e louva-lhe a exuberância. Embraga-se da sua obra e ergue-lhe um altar onde o adora, demolindo todos os outros—e são tantos!—que possam ofuscar o brilho do seu idolo.

Se o autor da «Usina» tem, de facto, um lugar de relevo no movimento literário do seu país, a sua personalidade não apaga outros factos que iluminam as letras da república irmã e Mestre.

Quere vê-lo imparcial, para logo de seguida afirmar que ele sente a luta, mas quasi

não toma partido. Este quasi não toma, sinónimo de que toma, talvez em pequenas parcelas—o que é um defeito,—serve-lhe para ferir subtilmente os que de frente descoberta viram «que não era mais possível escrever apenas o romance da burguesia, porque as outras classes sociais reclamavam também o seu romancista».

Jorge Amado é o alvo das suas setas. O livro que imprópriamente, como bem afirmou Mário Dionísio em «O Diabo», se chama «O Romance Brasileiro e José Lins do Rego», talvez se devesse chamar «José Lins—o Imparcial e Jorge Amado—o Ingénuo».

E' assim que o define Lia Dutra quando analisa a proletarização do Sergipano, esquecendo as circunstâncias da conversão e a indole desse romance («Cacau»).

O movimento literário brasileiro vale mais pelo todo, como definição de uma época de lutas, do que pelos fenómenos individuais.

ALVES REDOL.

LA TENTATION, F. C. Weiskopf—E. S. I.—Paris—1939

dum julgamento!) com um poder vigoroso de reconstrução de ambientes. Merece, entre eles, lugar especial a descrição dum comício hitleriano em que o som das fanfarras, os hinos, os repetidos Sieg Heil, as exclamações, comunicam a todos um entusiasmo místico que é como uma força superior, pairando sobre o auditório e arrebatando-o.

«La Tentation» é a história duma família que, caída no desemprego, luta obstinadamente contra a miséria. Com o empenho dum filho que não conseguiu evitar, lançada num meio agitado de antagonismos sociais, Lissy procura, merecedas suas relações de jovem insinuante, obter colocação para o marido, Fromeyer. Todas as tentativas falham, porque os «cavalheiros» das suas relações apenas prometem auxílio, visando cair nas boas graças de Lissy...

Começam as privações angustiosas, as desavenças caseiras, a propósito-das relações dela com o irmão, arrastado pela vida para negócios escuros. Depois vêm questões ideológicas. Fromeyer pende para o nazismo. Mas Lissy tem atrás de si, acumulado, todo o passado de miséria e opróbrio

da rua Müller de que é oriunda.

Levado por um antigo companheiro de escola bem colocado dentro do nacional-socialismo, Fromeyer é colocado como S. A. nas milícias do Partido. Progressivamente vai voltando à prosperidade mas, em volta, o ambiente é cada vez mais convulso. Lissy procura Max Franke, velho camarada da mocidade, com quem reata contacto para reagir contra a orientação do marido. Mas, à mesa dum café, em conversa com companheiros de Fromeyer, nasce nela uma grande simpatia por Klaus Karger, jovem nazí que, apesar disso, apresenta aos seus olhos semelhança com Max, pelo seu idealismo de libertação humana.

Agravam-se porém as convulsões sociais. Klaus Karger é morto, pelas costas, pelos próprios correligionários, como «indesejável» no Partido, quando, à sua frente, marchava numa demonstração provocante, entre tumultos. A revolução nacional cai na mão daqueles contra cujos interesses muitos a queriam dirigir. Perseguem-se judeus e operários. Assaltam-se residências e desfazem-se lares. Na velha rua

Müller os pais de Lissy são maltratados e a sua casa violada. Max Franke vive agora refugiado, passando as mais atrozes privações devido às quais lhe morre a companheira. Lissy sente-se abandonada na solidão, no vácuo, perdidos os antigos amigos, num ambiente hostil de que até Klaus Karger, único elo que a prendia, desapareceu.

E é então que surge Max Franke, em sua casa, sem que Fromeyer o saiba. Max Franke estarrapado e cansado, sem comer nem dormir há três dias, Max Franke que é a personificação duma Alemanha que parte, torturada, a caminho do exílio, deixando na pessoa de Lissy outra Alemanha subterrânea que, aparentemente desfeita, continua a viver unida...

«De pé, atrás do reposteiro, ela segue-o com os olhos, vê-o atravessar a praça: um homem delicado, magro, que não atrai a atenção. Não se apres- sa particularmente, não olha em volta, dobra lentamente a esquina duma rua e desaparece. Mas ela vê-o continuar o seu caminho, ele e muitos outros que se lhe assemelham. Sorri. Sabe agora que se pode estar só, sem estar, no entanto, abandonado. Sabe que há um caminho... todos o seguem por sua conta e entretanto ninguém está só.»

CARLOS RELVAS

sol nascente

Uma das necessidades que mais se têm feito notar na literatura do nosso tempo, tão preocupada com os problemas psíquicos, é a dum romance que nos dê a vida do adolescente. Fernando Namora vai ao encontro dessa necessidade com o seu romance As Sete Partidas do Mundo. Foi bem ou mal sucedido? Frizemos antes de tudo que F. N. não nos deu ainda o romance da adolescência, mas um romance da adolescência.

E será este livro verdadeiramente um romance? Esta interrogação, hoje muitas vezes posta a propósito dos livros que aparecem ostentando na capa o dístico promettedor, impõe-se mais uma vez ante a estranha técnica desta obra e a sua ausência de conflito. Uma das características mais curiosas do problema do romance português está em ele ser abordado muito mais frequentemente por ensaístas e críticos do que por romancistas. Quere dizer: o actual romance português existe muito mais em teoria do que na prática. Ora há uma verdade que é necessário dizer, e que me parece tão incontrolável como aquela outra, geralmente aceita, que concerne aos gramáticos e à língua: quem faz o romance são os romancistas, não são os críticos. Perante isto, não se entenda que todo o livro que apresente o tal dístico tenha de ser aceite fatalmente como romance. Mas pensar que as normas do romancista são imutáveis, e que toda e qualquer incursão fora de regras pre-estabelecidas desterra do género a obra, parece-me igualmente errado critério. E' pois com todas as reservas que exponho o parecer de que o livro de F. N., não sendo um romance segundo o já multiforme sentido tradicional da expressão, me não parece fadado a lançar as bases duma nova técnica de romance.

As Sete Partidas do Mundo são, antes de mais nada, um livro bem escrito. Um livro de memórias (vivas ou imaginadas) com algumas belas páginas de descritivo dentro dum processo propositadamente desconexo na sucessão dos episódios. F. N. podia ter chamado afoitamente ao seu livro Memórias dum adolescente e dado o seu próprio nome ao protagonista. Porque as memórias deste são as suas? Não interessa. Julgo mesmo que as incursões da crítica nesse terreno estão tomando um aspecto de indiscrição, próprio a intimidar os autores que, sentindo-se tentados a tratar temas audaciosos, acabarão por recuar ante o receio de que lhes atribuam a eles as taras das suas personagens. Se aqui se falou em memórias, é que tudo no livro evoca o género.

No entanto, com uma personagem de tão rica substância psicológica como João Queiroz, com as figuras da burguesinha Celeste e da plebeia Florinda, com duas ou três silhuetas felizes dos amigos, F. N. podia dar-nos um conflito, ainda que pueril, palpitante. Preferiu não o fazer—ou as condições em que o livro foi escrito levaram a uma dispersão que ultrapassou as intenções do autor.

Ao princípio do romance (Pequena viagem antes da primeira partida) Florinda espera ansiosamente o príncipe encantador, quere dizer, o hóspede do quarto da frente, que ela ainda não viu nem sabe como é. (Que lindas páginas isto, desenvolvido, poderia ter dado!) Na Primeira partida João Queiroz rompe o namoro com Celeste. E 255 páginas andadas, João Queiroz sabe vagamente da existência duma Florinda que o esprieta da janela, e hesita entre ela («uma Florinda, transfigurada: uma Florinda de vestidos de luxo,

INGLATERRA

A casa editora Victor Gollanez, de Londres, continua a publicar a excelente colecção económica The new people's library, que é constituída por uma série de volumes compreendendo os mais variados assuntos, e caracteriza-se pela autoridade dos respectivos autores, pela simplicidade com

sol nascente

AS SETE PARTIDAS DO MUNDO, romance de Fernando Namora — "Portugalia.,—Coimbra—1938

que se acham escritos e por não pressuporem nenhuma espécie de conhecimentos prévios por parte do leitor. Encontram-se já publicados 16 volumes sobre os seguintes assuntos: moeda; a questão judaica; introdução à botânica económica; introdução à filosofia; história da revolução russa (2 vols.); uma interpretação da biologia; a civiliza-

cabelo cuidado, apagado o olhar febril de quem espera, espera à luz mortuária do candieiro...) e Celeste, que o trocou por outro, mas em quem pensa ainda. O «romance» é isto. O resto são evocações do passado—do passado recente e do passado remoto—desse adolescente tímido, raquítico, de lábios grossos, que nos interessa desde os primeiros contactos. Essas evocações, que ao princípio julgamos surgirem por uma necessidade do narrador—logo o entrelaçamento dos dois namoros começa por causar estranheza—tomam depois a maior parte das páginas, tornam-se a razão principal do livro, e quando os sucessos do adolescente já não chegam, vêm os da primeira infância, e assim até final. O título do livro perde a intenção que lhe suposéramos, (João Queiroz só na última página se propõe correr as sete partidas do mundo, e ainda assim com tais indecisões que duvidamos do seu triunfo) e a própria divisão em sete partes chamadas sete partidas é arbitrária e foi dificilmente conseguida. (A mais de metade do livro chega-se ao fim da segunda partida.)

Disse que o protagonista era de rica substância psicológica. Isto não quere dizer que a figura nos seja dada com o equilíbrio que as qualidades nela apontadas requeriam. A seqüência arbitrária dos capítulos, prejudicando a compreensão da personagem, fez talvez que o próprio autor se equivocasse. Assim é o mesmo João Queiroz, que antes de sair da terra escrevia sonetos para os jornais, quem mais tarde, na época actual do romance, para escrever uma carta de namoro «consultara livros e livros, copiara frases inteirinhas de Guido da Ve-

rona». E' ainda o mesmo que, pouco tempo volvido—toda a accção vem depois do cumprimento com Celeste—escreve o belo poema de pags. 243-44, evidentemente também copiado, copiado do poeta Fernando Namora...

Outros lapsos testemunham a dispersão do autor na confecção do livro: aquela patroa bêbeda que dá bofetões (qual o critério dos pais de João Queiroz confiando-o a ela?), aqueles sapatos rotos que duas páginas adiante se transformam em botas... A página em que o Vieira descobre que «já é homem» carece de naturalidade. F. N. está mais próximo em idade dessas recordações do que eu. E' possível que tenha tocado a nota justa. Mas afigura-se-me que não. Todo o capítulo tem um ar de «trabalhado» que parece excluir a hipótese da experiência vivida. Qualquer escritor maduro, esquecido de como essas coisas se passam, poderia tê-las descrito assim.

A-pesar-dos defeitos, que não são poucos nem pequenos, As Sete Partidas do Mundo é uma tentativa curiosa, simpática e reveladora de talento. As belas páginas de que falámos não são um rebauçado que pretendamos consolar o autor. Estão no livro e são, por exemplo, todas as de início, as com que abre a Terceira partida, as da primeira entrada de João Queiroz no lupanar, toda a cena de embriaguez, o diálogo com a mãe, e muitas outras.

A «Explicação» com que F. N. abre o seu livro, dizendo que ele foi escrito entre os 17 e os 19 anos, e que não quis emendá-lo, explica muita coisa. Explica, principalmente, que F. N. com mais alguma reflexão, menos desejo de espantar pelo ineditismo de processos, e o mesmo talento, será capaz de nos dar em breve obra que no-lo faça apontar definitivamente como um dos mossos raros romancistas.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

livros estrangeiros

ção da Grécia e Roma; tra-deuionismo; liberdades políticas; falência da S. D. N.; a ciência e a vida; fascismo italiano; capitalismo e guerra; breve história dos desempregados; e a evolução do homem e da sua cultura.

O conjunto formado por estes volumes é de molde a poder considerar-se um verdadeiro manual dos mais impor-

tantes e sugestivos assuntos que podem interessar o homem moderno. Cumpre acrescentar que todos os livros desta colecção se enquadram naquela orientação diamétrica por que temos terçado armas e continuaremos a pugnar com ardor nas páginas do Sol Nascente.

doze

treze